

O estudo da guerra em história militar segundo os futuros líderes das forças armadas brasileiras

Tania Regina Pires de Godoy¹

RESUMO

O presente trabalho apresenta parte dos resultados da pesquisa de campo acerca do ensino de História Militar ministrado nas três Escolas de formação de oficiais brasileiros, mostrando como seus alunos compreendem a importância do estudo da guerra em História Militar efetivado em sua formação e a percepção de seu preparo para o exercício profissional militar.

Palavras-chave: ensino de história militar, instituições militares brasileiras, identidade militar brasileira.

Os conteúdos de História Militar ministrados nas respectivas Escolas de formação de oficiais militares brasileiros contemplam o estudo da guerra e possuem um tratamento pedagógico enquanto ferramenta indispensável na constituição do pensamento militar e substituto da experiência direta em combate, conforme afirma WEIGLEY (1981 [1975], p. 15), além de representarem uma indicação exemplar inspirada nas ações dos vultos do passado de cada Força. Mesmo que não seja doutrinário, o estudo da guerra em História sem dúvida é subsídio ao profissional e concorre para isso.

O contexto educativo do estudo da guerra mantém-se vinculado ao emprego militar nos moldes mais clássicos da ação guerreira. A formação do futuro líder militar, termo utilizado no meio castrense ao se tratar de sua oficialidade, é direcionada para as atividades da guerra e o ensino de História Militar, disciplina em certa medida comum às três Escolas, contempla conteúdos bem instrumentais quanto ao emprego de cada Força singular em um teatro

¹ Doutora em Fundamentos da Educação pela UFSCar-SP e professora de História Militar na Academia da Força Aérea Brasileira desde 1996. Email: taniagodoy@terra.com.br.

de operações. Da mesma forma ocorre com a organização de cada Escola, cujo objetivo é o de proporcionar um contexto educativo até mesmo em suas instalações físicas, para que possam favorecer a construção da identidade coletiva que se pretende imprimir.

Exemplos desta realidade são encontrados na Escola Naval (EN), localizada na ilha de Villegagnon, Rio de Janeiro-RJ, reproduzindo um ambiente embarcado onde o mar pode ser avistado das janelas das salas de aula e os aspirantes ficam alojados em camarotes; na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), em Resende-RJ, as turmas são divididas em pelotões, enquanto que na Academia da Força Aérea Brasileira (AFA), instalada em Pirassununga, interior de São Paulo, as mesmas se dividem em esquadrões. A linguagem, o comportamento e a organização das Escolas pretendem constituir elementos comportamentais próprios de cada Força, além dos princípios de hierarquia e disciplina e de outros aspectos doutrinários, conforme observamos nos trabalhos de CASTRO (1990) e de LEIRNER (2001).

Em nossa abordagem aqui apresentada, consideramos ser de grande relevância identificar de que maneira o conhecimento transmitido nos ambientes educacionais castrenses de sua liderança é compreendido pelo discente. Por isso, mostraremos um cotejamento das manifestações dos aspirantes da Escola Naval e dos cadetes da AMAN e da AFA quanto ao ensino de História Militar, para observarmos se o consideram realmente direcionado ao emprego de sua profissão como futuro oficial militar. Realizaremos uma análise comparativa das principais assertivas desses alunos da maneira mais abrangente possível e como os alunos manifestam seu aprendizado no processo pedagógico aplicado a eles pelas instituições escolares, mesmo que nas respostas exista um cunho pessoal.

O instrumento de pesquisa foi elaborado e escolhido para ser aplicado aos discentes militares das três Escolas mencionadas. Nossa experiência como docente civil em uma dessas Escolas – a AFA – constata que o cotidiano acadêmico castrense brasileiro é extremamente previsto e controlado. Qualquer iniciativa de pesquisa nesse ambiente educativo deve levar em consideração a utilização de um instrumento de consulta que comprometa o mínimo possível seu cotidiano programado de atividades. Assim, escolhemos o questionário com perguntas abertas e direcionadas aos objetivos pretendidos pela pesquisa².

² Nossa orientação metodológica segue essencialmente os trabalhos de MANN (1970) e de LUDKE & ANDRÉ (1986).

A aplicação dos questionários foi realizada quando de nossa visita para coleta de dados e documentação, realizada em maio de 2004, na Escola Naval e na AMAN, solicitada por meio de voluntariado a vinte discentes que já haviam estudado História Militar ou que estavam em fase de estudos. Na AMAN o questionário foi aplicado pelo instrutor da cadeira da disciplina antes de nossa visita. Como somos a única docente de História Militar da AFA, pudemos solicitar a todos os cadetes do terceiro e quarto anos realizarem o questionário, dando-lhes um prazo de cerca de um mês para responderem também de maneira voluntária. Ao menos setenta por cento deles nos retornaram o questionário respondido.

As perguntas foram elaboradas com o propósito de saber quais disciplinas tratam do conteúdo teórico da guerra, os temas abordados, a relevância do estudo da guerra em História Militar, se havia conteúdos que não foram contemplados e qual desempenho profissional militar os alunos se sentiam melhor preparados.

Devemos considerar o fato de que cada Escola compreende uma formação correspondente ao emprego imediato de seus jovens oficiais. Na Escola Naval, os aspirantes recebem um aprendizado em fundamentos operativos navais, mas são nos cursos de especialização depois de formados que absorvem um conhecimento operativo militar cada vez mais complexo. Assim é definida a missão da Escola Naval: “I – para ministrar curso de graduação necessário ao desempenho de funções peculiares a Oficial Subalterno; e II – supervisionar as atividades curriculares desenvolvidas no ciclo Pós-Escolar (ESCOLA NAVAL, 2004)”.

Assim sendo, o oficial da Marinha não sai de sua Escola preparado especificamente para ações de combate, pois é necessário um aperfeiçoamento contínuo ao longo de sua carreira; isso corresponde à própria complexidade de comando das esquadras navais e os aspirantes têm noção disso: “Como operação de combate ainda é um pouco cedo para falar, afinal, operativamente eu espero estar pronto após o Curso no Ciclo Pós-Escolar (Aspirante 1 Fuzileiro Naval – Escola Naval)”³.

³ As contribuições dos alunos das três Escolas de formação de oficiais brasileiros serão citadas preservando-se sua identidade. Faremos referência à Habilitação, Arma ou Quadro de Especialidade a que estão inseridos e à Escola a que pertence. Os alunos da Escola Naval e da AMAN estão cursando o 4º ano de formação em 2004; no caso dos cadetes da AFA, serão citados alunos do 3º ou 4º anos de seus quadros de especialidades e quando for do quadro feminino o mesmo será mencionado.

A formação que a AMAN destina a seus futuros líderes está mais vinculada às funções desempenhadas por esses jovens no comando de tropas para o preparo de reservistas do Exército. Isso explica porque são tão cuidadosos na transmissão de um conteúdo doutrinário e moral a seus cadetes, e o estudo da guerra e das ações militares por meio da História Militar reforça esses aspectos: “Minha formação profissional, no exercício da Defesa Nacional, está voltada para a formação de reservistas de primeira categoria que seriam convocados em caso de mobilização, além de ter um papel de formação cívica e moral muito grande (Cadete 4 da Artilharia – AMAN)”.

A preocupação com o exercício da liderança dos jovens oficiais do Exército é o primeiro aspecto elucidado na definição do perfil profissiográfico definido pela Força. Entretanto, são alinhavados na descrição do perfil profissional os valores éticos, equilíbrio emocional, responsabilidade e os atributos concernentes à disciplina. Também determina que sua formação profissional deva ser constante e capaz de acompanhar o desenvolvimento técnico e militar, e o perfil profissiográfico deve compreender um vínculo estreito com as tradições e a imagem da instituição militar na qual se insere. Então, os futuros oficiais assumem o compromisso de cultivar e manter essas tradições por meio de atitudes de lealdade, espírito de corpo e cooperação, reforçando-se os aspectos coletivos da Força e próprios do profissional militar clássico, segundo encontramos em HUNTINGTON (1996 [1957]).

No caso da formação dos oficiais da Força Aérea Brasileira, o estágio do período de aspirantado corresponde à aplicação operacional de sua especialidade, no caso da Intendência e da Infantaria. Os aviadores terão a formação operacional de combate durante este estágio, escolhendo o tipo de aviação que se especializará, de acordo com sua classificação de desempenho escolar na AFA. No cumprimento do período de Academia, sua instrução aérea é para operar o vôo, instrumentos, algumas manobras e vôo em formatura, mas não no treinamento para o combate, que será efetivado após sua formação na AFA.

Todos os alunos que realizaram o questionário desta pesquisa afirmaram que a História Militar representa um aprendizado indispensável à sua formação como profissional militar. Consideram o estudo dos conflitos, as operações militares navais, terrestres ou aéreas e a abordagem destas operações elementos substantivos na construção de seu conhecimento, o que reforça a consideração

de que a História Militar (ou Naval) representa um conteúdo instrumental para a profissão militar:

... basicamente estudamos história naval para entender, empregar e poder prever a tática e a estratégia inimiga de modo que não possamos ser surpreendidos, pois nada muda muito em uma guerra nesses dois sentidos (Aspirante 5 do Corpo da Armada – Escola Naval).

Sim, é de fundamental importância pois as experiências passadas servem de ferramentas para a tomada de decisão no presente (Cadete 6 de Infantaria – AMAN).

... Avaliar os métodos utilizados no passado e compará-los com o foco atual de um combate militar torna o futuro oficial mais capacitado para adaptar seus recursos e disponibilizar todo potencial de sua força em prol da soberania de seu país (Cadete 9 do 3º ano de Aviação – AFA).

A maioria dos discentes militares afirmou que o conteúdo de História Militar foi abrangente e proporcionou a apreensão deste conhecimento como substituto da experiência direta na arte da guerra, circunstância positiva e enriquecedora para seu desempenho profissional futuro. Assim, são várias as afirmações a respeito do papel da História Militar neste sentido, proporcionando a possibilidade de aprender com os erros e sucessos cometidos no passado:

É de grande importância como já mencionei, pois, na realidade, estamos sendo formados para a guerra e nada melhor para se preparar para ela do que estudar, analisar as guerras passadas, observar os pontos fracos e fortes e até mesmo despertar o sentimento de nacionalismo dentro de cada um através dos grandes exemplos de “heróis” que a história nos mostra (Aspirante 3 de Intendência da Marinha – Escola Naval – realces do autor).

... Os bons e os maus exemplos da História Militar devem ser analisados criticamente, servindo, assim, de subsídio para a constante atualização da doutrina militar. Não constituem a fórmula para o sucesso numa futura batalha, mas representam exemplos consistentes de emprego correto e oportuno de princípios de guerra atemporais (Cadete 5 de Engenharia – AMAN).

... O estudo dos conflitos passados, seus erros e acertos é importante para sabermos

as possibilidades dos conflitos de hoje e desenvolvermos melhor as técnicas que serão utilizadas, dando maior atenção àquilo que tenha gerado problemas em outras situações (Cadete 7 feminina do 4º ano de Intendência – AFA).

Essa percepção do estudo da guerra na História corrobora as considerações de CLAUSEWITZ com relação ao papel dos exemplos históricos no preparo do militar para a arte da guerra, como grande esclarecedor para esse fim (1978 [1832], p. 191).

Outro fato ressaltado nas afirmações dos alunos militares consiste no ensino de História Militar como fundamento moral e patriótico, contribuindo para a liderança de seus futuros subordinados:

Além de uma visão técnica e psicológica da guerra, a História propicia ao futuro oficial conhecer as raízes de sua Marinha, suas tradições e seus valores, e a mais importante das lições: nem sempre uma esquadra mais poderosa (em número) vence o combate. Quem vence a guerra são os homens e não os navios (Aspirante 9 de Intendência da Marinha - Escola Naval – parênteses do autor).

... No caso do Oficial recém-formado na AMAN, o que é mais importante em relação a esse respeito, seriam as atitudes e os atributos evidenciados ou deixados de lado pelos líderes militares nas grandes batalhas. Assim, podemos visualizar o que realmente será necessário ser feito pelo líder em uma situação real de combate para conduzir os seus homens (Cadete 1 de Engenharia – AMAN).

Como o desempenho da liderança de subordinados na Força Aérea corresponde a grupos muito pequenos, tanto no ar quanto em terra, não se verificou dentre os cadetes da AFA que realizaram o questionário menção do aprendizado em História Militar contribuindo no comando de subordinados.

Foi representativo entre os alunos que realizaram o questionário para esta pesquisa afirmarem que o ensino de História Militar é superficial e seria necessário aumentar a carga horária da disciplina para que pudesse contemplar mais profundamente os assuntos abordados e incluir outros conflitos além daqueles que são estudados. Afirmaram, também, que os conteúdos pouco tratam a respeito da história dos militares brasileiros, principalmente os temas relativos ao período do Regime Militar:

A única disciplina que tratou da guerra durante todo o curso foi História Militar. No entanto, foi perceptível que a professora sofreu limitações para a abordagem do assunto, sendo forçada a desviar-se do que realmente seria importante conhecermos (Cadete 17 do 4º de Aviação – AFA).

Sim (existência de temas ou assuntos não contemplados no ensino de História). As guerras e conflitos em que o Brasil se envolveu como: Guerra do Paraguai, Araguaia, Revolução de 1932, formação de nossas forças armadas, conflitos de fronteira, projeto SIVAM, VLS e tudo que envolve militares brasileiros, além de uma breve pincelada na História do Brasil desde o descobrimento até os dias atuais (Cadete 27 do 3º ano de Aviação – AFA – parênteses nossos).

As maiores críticas ao ensino de História Militar, no entanto, partiram de aspirantes da Escola Naval e de cadetes da AFA, demonstrando que naquelas Escolas ocorre pouca abordagem em história do Brasil, superficialidade no estudo do conteúdo e transmissão de um conhecimento em história fragmentado, prescindindo dos conceitos o que o torna por vezes de difícil compreensão:

...A história como é ministrada no curso de formação de oficiais da Armada é incompleto e superficial. As poucas horas aula alocadas para as ciências humanas cria um total vazio cultural nesses oficiais uma vez que se formam sem conceitos e opiniões formadas. (...) Nada se sabe, por exemplo, sobre Jomini, Mahan, Clausewitz, entre outros. Devido a complexidade do estudo desses autores torna-se mister iniciar uma análise de suas obras a fim de, posteriormente, completarmos a formação (Aspirante 6 do Corpo da Armada – Escola Naval).

...Como dizem: “um mar de conhecimento com um palmo de profundidade”. Porém, mesmo sendo dessa maneira, serviu para nos dar uma boa noção de como ocorreu as guerras no mundo (Cadete 6 feminina do 4º ano de Intendência – AFA).

Acho que deveríamos nos aprofundar bem mais na História do Brasil, estudando acontecimentos que foram importantes para a história do país, como a Ditadura, por exemplo. Acho também que ao final da disciplina deveríamos chegar realmente a conhecer o contexto mundial de hoje. E isso não deveria se restringir a conhecer a situação das grandes potências, mas também a dos países que fazem fronteira com o Brasil, pelo menos (Cadete 7 feminina do 4º ano de Intendência – AFA).

Tivemos algumas afirmações dos discentes militares que consideram seu desempenho profissional na manutenção da ordem interna, o que demonstra a permanência da concepção tutelar da instituição castrense brasileira, pelo menos como reflexo do aprendizado recebido pelos jovens nas Escolas de formação de oficiais:

Para a segurança das fronteiras e, se necessário, à manutenção da lei e da ordem (Aspirante 1 Fuzileiro Naval – Escola Naval).

Considero que minha formação como oficial além de estar voltada para a defesa e segurança nacional também é responsável por formar bem o subordinado, tanto para o combate quanto para o mundo civil, e estar pronto para qualquer impasse interno que seja necessário a atuação das forças armadas (Cadete 3 de Comunicações – AMAN).

Função de polícia 'mais eficiente'. Pois devemos a qualquer custo manter a ordem interna e não somente a soberania, sempre auxiliando o governo em vigor (Cadete 27 do 3º de Aviação – AFA).

Finalmente, ao responderem à pergunta quanto a que desempenho profissional consideram estar preparados, obtivemos diversas respostas dos alunos de cada Escola de oficiais militares brasileiros, sendo que alguns afirmam estar preparados para qualquer missão em prol da defesa da nação, outros demonstram não estar preparados adequadamente, vislumbrando um exercício maior na administração da Força, devido às características pacíficas do Estado brasileiro:

A formação da EN é destinada tanto ao exercício da defesa quanto à administração da Força. De maneira que somos uma nação historicamente diplomática, nossas Forças são destinadas à defesa e principalmente à dissuasão, sobretudo na América do Sul. E como é observado tempo de paz, a administração da Instituição Marinha não deve ser esquecida e sim apoiado o seu estudo na EN (Aspirante 15 do Corpo da Armada – Escola Naval).

Considero minha formação um pouco de cada opção dada, seja na administração de nossa Força Naval (vale ressaltar a importância que a Marinha dá a este item, devido à falta de recursos, para manter nossos meios operando perfeitamente), seja na defesa nacional e em operações de combate. Nossas forças estão preparadas para agir em qualquer situação, e considero que estou sendo formado para operar

também sob qualquer situação de ameaça (Aspirante 16 do Corpo da Armada – Escola Naval – realces do autor).

... O militar possui a característica de ser um indivíduo bastante eclético, ou seja, deve saber portar-se bem em qualquer tipo de situação ou missão. Deve exercer com a mesma desenvoltura tanto atividades administrativas quanto atividades operacionais. Assim, nossa formação é destinada tanto a prática administrativa quanto a atividades de combate (Cadete 2 de Artilharia – AMAN).

Para qualquer operação de combate que se mostrar necessária no exercício de sua função militar.

O oficial do Exército é preparado para ter condições de resolver vários tipos de problemas, tanto de combate como administrativos, podendo ser de caráter de defesa nacional, defesa interna como operações de Garantia da Lei e da Ordem, missões diplomáticas no exterior e outros (Cadete 20 de Engenharia – AMAN).

Mesmo tendo total consciência de que somos formados para o combate, temos muitas vezes que encarar a realidade de que somos formados muito mais para administrar a força na qual percebemos. Tanto isto é verdade que o curso de formação de oficiais a partir do ingresso em 2004 passou a ser considerado um curso de administração pública (Cadete 20 do 4º ano de Aviação – AFA).

Na AFA, os cadetes realmente não possuem um conhecimento completo das operações que futuramente e, possivelmente, irá participar. Disso resulta a discrepância entre a formação na AFA e a atuação na FAB quando já formado (Cadete 23 do 4º ano de Aviação – AFA).

Constatamos que as afirmações dos alunos da Escola Naval e os da AMAN são mais positivas em relação à formação que recebem para o exercício profissional militar. Já os cadetes da AFA demonstram inquietude entre o processo de aprendizagem da Academia e o preparo para o combate real. Talvez exista uma falta de orientação da parte da doutrina quanto à missão da AFA em formar pilotos e a continuidade formativa para a guerra depois de formado. Contudo, sem dúvida esses alunos aspiram a um desempenho calcado no perfil do guerreiro aviador e manifestam não se sentirem preparados para o “vale-tudo” de sua profissão.

Os testemunhos dados pelos alunos e aqui apresentados possuem cunho pessoal e certamente isso deve ser levado em consideração quando buscamos analisar a ação pedagógica com base neste instrumento. Além disso, a coleta de informações em forma de questionário pode ser respondida de maneira superficial, dependendo da cooperação que cada informante se propõe a dar, circunstância mencionada em LUDKE & ANDRÉ (1986, p. 72). No entanto, sem dúvida suas afirmações correspondem à formação de sua subjetividade, baseada na construção da ação coletiva que cada grupo recebe em sua Escola de formação de oficiais, e traduz uma concepção de mundo e de instituição militar correspondente ao ambiente formativo de que fazem parte.

Cada um desses alunos e alunas deixa demonstrados os aspectos mais reforçados em sua formação, papel desempenhado por qualquer instituição educacional e que está muito mais evidenciado no ensino castrense, pois o mesmo se propõe a construir um comportamento homogeneizado com propósitos bem estabelecidos do que se espera de cada elemento que abraça essa profissão. Pode ocorrer de o perfil social que se pretende formar por meio das ações pedagógicas em uma instituição militar não se constituir categoricamente de forma homogênea, porque a interação dos seres sociais contribui para romper com as “construções ideais”. Mas, sem dúvida, todo o treinamento e a vivência existentes numa Escola militar se propõem à uniformização de seus componentes, aspecto observado na obra de CASTRO (1990, p. 99-101).

Os militares devem manter comportamentos preestabelecidos, possivelmente a característica mais acentuada nesta do que em qualquer outra profissão, no cumprimento de ritos e cerimoniais e no respeito de maneira contundente aos princípios de disciplina e hierarquia que os tornam mais próximos da identidade coletiva que a instituição castrense pretende imprimir, conforme análise de LEIRNER (2001, p. 154-155). Por isso, verificamos nas afirmações dos aspirantes da Escola Naval aspectos mais “típicos” da Marinha, com uma postura mais crítica “intelectual”, como nos cadetes da AMAN são realçados os princípios de patriotismo, moral e emprego na defesa interna em suas afirmações, pois são componentes imprescindíveis na formação dos futuros líderes no exercício de comando das tropas. Já no caso dos cadetes da AFA, não são observados comportamentos tipicamente militares, sendo mais “liberais”

se comparados aos da AMAN. Por outro lado, todos os alunos consideraram relevante o estudo da guerra para sua formação, pois é a profissão dos líderes guerreiros o que os identifica e a busca de lições com base nos erros e acertos do passado é a justificativa comum para o aprendizado em História Militar.

Referências

BASSO, Itacy S.. “*As Concepções de História Como Mediadoras da Prática Pedagógica do Professor de História*”. In: DAVIES, Nicolas (org.). Para Além dos Conteúdos no Ensino de História. Niterói - RJ: EdUFF, 2000, p. 45-59.

BLOCH, Marc L. B.. *Apologia da História ou O Ofício de Historiador. Pref. Jacques Le Goff. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001 [1944].*

CASTRO, Celso. *O Espírito Militar. Um estudo de Antropologia Social na Academia Militar das Agulhas Negras. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.*

CLAUSEWITZ, Carl Von. *Da Guerra*. Prefácio de Anatole Rapaport. Trad. Maria T. Ramos. São Paulo: Martins Fontes, 1979.

HUNTINGTON, Samuel. *O Soldado e o Estado: Teoria e Política das Relações entre Civis e Militares*. Trad. José L. Dantas. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1996 [1957]. (Coleção General Benício vol. 317)

LEIRNER, Piero de C.. *O Sistema da Guerra: uma leitura antropológica dos exércitos modernos*. Orient. Maria L. A. Montes. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2001.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A.. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MANN, Peter. “Pessoas Como Fonte de Dados”. In: *Métodos de Investigação Sociológica*. Trad. Octávio A. Velho. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970, p. 89-107.

WEIGLEY, Russel F. (org.). “Introdução”. In: *Novas Dimensões da História Militar*. Vol. 1. Trad. Octávio A. Velho. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1981 [1975], p. 13-42.

ESCOLA NAVAL. *Missão da Escola Naval*. Disponível em: <<http://www.en.mar.mil.br/visita/missao.html>>. Acesso em: 29. abr. 2004.

Agradecimentos

Agradecemos ao Comando da Escola Naval, ao Comando da Academia Militar das Agulhas Negras e ao Comando da Academia da Força Aérea Brasileira pela autorização concedida para a coleta de dados, na pesquisa de documentos e na aplicação de questionário junto aos alunos. Relevamos especial apreço ao Comandante William da Escola Naval e ao Major Eiras da AMAN pela dedicação, paciência e presteza com que nos dotaram ao acompanhar-nos nas visitas às respectivas Escolas.

The study of the war in military history according to the futures leaders of the brazilian armed forces

ABSTRACT

This study displays part of the results of field researches about the teaching of the Military History supplied at the three schools of Brazilians militaries officials' formation, showing as the students understand the importance of the study of the war in Military History, executed in their formation, and like them they notice their preparation for the military professional exercise.

Key words: teaching of military history, Brazilians militaries institutions, military brazilian identity.